



## APRESENTAÇÃO | Dossiê

**História oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa**

**Oral history: experiences, trajectories and research paths**

**Historia oral: experiencias, trayectorias y vías de investigación**

Igor Lemos Moreira, *Universidade do Estado de Santa Catarina* ✉  

Livia Moraes Garcia Lima, *Universidade Estadual Paulista* ✉  

(Organização)

Nos últimos anos, a reflexão sobre o papel da narrativa na historiografia tem ganhado destaque, especialmente a partir das contribuições do chamado *giro linguístico*. Nesse processo, questões como ficcionalidade, imaginação histórica e subjetividade passaram a ocupar lugar central nos debates sobre as operações historiográficas, levando pesquisadores a problematizar os desafios envolvidos na construção de narrativas históricas. Por outro lado, a emergência do campo da História Pública e as demandas crescentes por uma maior atuação de profissionais da área na esfera pública provocaram reflexões importantes acerca das formas como tais narrativas passam a circular e, em paralelo, são preservadas junto a campos como a História Digital, e o perfil colaborativo da produção historiográfica através das práticas da História Oral e sua ascensão enquanto movimento dialógico e não mais centrado, apenas, na “produção de fontes” ou na “construção de testemunhos orais” (Hermeto; Santhiago, 2022).

Enquanto, em um primeiro momento, os desafios envolvidos na escrita da História foram considerados problemáticas de ordem narrativa e de comunicação, como cita Hartog (2017), mais recentemente, historiadores/as têm retomado os debates propostos em torno da própria narrativa como elemento

central da própria produção historiográfica, ou seja, a compreensão de que a elaboração do discurso e/ou do narrar como dimensão intrínseca e operação central da produção do(a) historiador(a), como sinaliza Ricoeur (2008). Entre os autores que se debruçaram na retomada desses debates, destaca-se o historiador francês Ivan Jablonka (2020), propositor de uma compreensão da História enquanto um tipo de “literatura do real”, mediada, evidentemente, pelo método de pesquisa, mas que, também, envolve uma operação de estabelecimento de métodos narrativos que organizam, sistematizam e produzem sentido por meio das escolhas, da textualidade e da própria subjetividade do autor. Jablonka, em especial, percebe essa operação ao refletir acerca de sua produção e sua tentativa de retomar a dimensão humana e da experiência para a narrativa histórica como uma espécie de retomada do lugar do sujeito e da vivência na construção discursiva, em especial através da aproximação com uma história viva (Rüsen, 2001) e com a História Oral.

Essa perspectiva é retomada por Dominick LaCapra (2023) – que analisa, inclusive, os trabalhos de Jablonka – ao argumentar que a prática da História Oral constitui um espaço privilegiado para refletir sobre os impasses da escrita historiográfica. LaCapra destaca que as práticas de História Oral e do uso das oralidades (em suas diversas categorizações como entrevistas, depoimento, testemunho) envolvem processos ainda mais amplos, na medida que se constituem através da elaboração narrativa e discursiva do próprio historiador que se constrói, além da experiência, implicando o próprio sujeito, seja em perspectiva colaborativa, seja em uma postura mais analítica e de distanciamento.

Foi a partir do interesse em compreender as múltiplas tessituras, operações e discussões contemporâneas em torno dos impactos da História Oral na operação historiográfica que se estruturou o dossiê *História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa*. Visando uma discussão ampla e colaborativa que buscasse refletir sobre diferentes experiências, trajetórias e percursos na área, o dossiê busca suscitar debates sobre e a partir do uso da oralidade, da entrevista e da interlocução com sujeitos vivos como fonte e método na pesquisa

historiográfica, especialmente no estudo de trajetórias, da memória e/ou de experiências, sejam essas individuais ou coletivas. A proposta buscou acolher reflexões teóricas e relatos de pesquisa, que discutem os vínculos entre História Oral e identidades narrativas; as tensões inerentes à mediação da entrevista; e as implicações metodológicas da oralidade como prática colaborativa e situada; as diferentes maneiras e os distintos modos como o uso de entrevistas impacta na produção de narrativas históricas; as diferentes aberturas e possibilidades de análise suscitadas pela experiência da prática da História Oral; o uso da História Oral enquanto metodologia de pesquisa; as potencialidades de se pensar a interface entre História Oral e experiência, com ênfase nas trajetórias, mas também com a abertura para as sensibilidades, os compartilhamentos e os diferentes espaços de sociabilidade e institucionais (como escolas, instituições, museus, bibliotecas e afins).

Muito desse escopo ampliado foi fruto, em particular, de um trabalho coletivo ao qual os autores e as autoras ao acolherem e se interessarem pela chamada para a publicação passaram a se debruçar. A chamada inicial deste dossiê serviu, nesta concepção, como uma espécie de provocação e de convite a uma reflexão que partia, em especial, do questionamento inquieto, desassossegado e efervescente de seus propositores que, há algum tempo, a cada encontro e troca, repetem uma indagação frequente: qual o impacto da História Oral não somente nas pesquisas, mas na nossa constituição enquanto pesquisadores/as? Tal questionamento iniciou-se há algum tempo, em um formato de Simpósio Temático presente nos Encontros da Associação Brasileira de História Oral, e que, agora, estende-se não apenas para o formato de dossiê, mas se assume enquanto uma agenda de reflexão prática, epistêmica e política, que tem sido compartilhada com uma série de outros colegas, os quais agradecemos, de público, não somente a colaboração, mas a submissão de seus textos, o auxílio enquanto pareceristas e outros apoios. Agradecer e reconhecer, neste espaço de apresentação, às colegas e aos colegas, que se somarão a essa reflexão na forma de textos (artigos, resenhas, entrevistas, estudos de caso) e/ou na produção do fazer deste número parte, justamente, da provocação que a

História Oral e a sua interface com a História Pública, coloca-nos: não estamos sós, e não fazemos nada sozinhos.

Alessandro Portelli (2016), ao analisar a prática da História Oral, relembra a dimensão dialógica e dos afetados que o ato de se posicionar *junto* a alguém – um processo de construção que envolve não a “interferência” ou, apenas, a inquirição, mas uma produção que é fruto do diálogo, do encontro entre duas ou mais pessoas em torno de uma conversa que resulta em uma narrativa da memória. Em meio a esse processo, evidentemente, memórias são ensaiadas, assim como ensaios de memória, ainda, apresentam-se, situando o(a) historiador(a), justamente, em uma posição potente, reflexiva e colaborativa de conseguir trabalhar, irromper e/ou provocar as fissuras, as críticas e, também, as amplificações e as escutas sensíveis a olhar para as experiências individuais e coletivas. Mais do que apenas ouvir (Rovai, 2024), a História Oral configura um convite ao diálogo e ao fazer junto, a um processo de produção que altera na episteme e no cerne dos processos historiográficos, seja na operação de autorreflexividade (Santhiago, 2018), seja de pensar junto, de dispor do diálogo com o relato que se elabora na sua frente, de se encontrar com alguém que não é objeto, mas sujeito (Almeida, 2018).

Movimentados por essa perspectiva, apresentamos o dossiê *História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa*, na expectativa de que as provocações toquem e venham a afetos, permitindo, assim, continuarmos em conversas e diálogos sobre a potencialidade da História Oral a partir de experiências e percursos de investigação.

O artigo *The sensory in Diocina Lopes dos Reis's oral history: an invitation to environmental historians*, que abre este dossiê, introduz, de forma potente, as possibilidades da História Oral para o campo da História Sensorial e do Ambiente. Elizabeth Schwall propõe uma abordagem inovadora para a historiografia ambiental ao destacar a importância dos sentidos – gosto, cheiro, tato, visão e audição – na metodologia da História Oral. Recorrendo ao relato de Diocina Lopes dos Reis, quebradeira de coco babaçu, o artigo mostra como as memórias sensoriais revelam experiências subjetivas e corporificadas de

interação com o ambiente, além de evidenciar marcas sociais como classe, gênero e território. A autora defende que essas memórias sensoriais são fundamentais para captar dimensões de resistência e alternativas econômicas, especialmente em contextos de mudanças climáticas e devastação ambiental.

No artigo *Ouçam, por favor: A natureza e as comunidades agradecem – História Oral e Patrimônio Biocultural para a conservação e a biodiversidade*, Maria Fernanda Rollo, dá continuidade às provocações de Schwall, analisando como a História Oral pode contribuir no sentido de compreender as dinâmicas socioecológicas e valorizar o patrimônio biocultural. A partir de entrevistas em diversos territórios, o texto enfatiza que as narrativas orais articulam conhecimento, afetos e ação, funcionando como instrumentos de justiça ambiental e reconhecimento cultural. Defende-se, desse modo, uma abordagem inclusiva e culturalmente enraizada que amplie o papel das comunidades nas políticas ambientais.

Ricardo Santhiago, em *O Livro de História Oral como performance mediatizada*, o autor propõe uma reflexão sobre a materialidade editorial de publicações de História Oral, enfatizando que o livro não se constitui como um meio neutro, mas um corpo derivado da performance da fala, com capacidade de intervir na recepção do texto e no envolvimento do leitor. A partir dessa compreensão, o autor argumenta que o princípio da colaboração entre autores e editores apresenta uma oportunidade de potencializar a experiência narrativa, valorizando a interação entre conteúdo e forma.

Em *História Oral, Memória Social e Experiência: aproximação das abordagens teórico-metodológicas para pesquisas em ensino de História*, Sandra Regina Mendes apresenta um estudo que problematiza a historicização das experiências vividas captadas por meio da História Oral, dialogando com os campos da memória social e do ensino de História. Destaca as complexidades epistemológicas e metodológicas para tratar as fontes orais como narrativas, que são, ao mesmo tempo, experiências subjetivas e objetos históricos. Ainda no campo de intersecção com a memória e educação, o artigo *Na Educação Física a gente não faltava: experiências na escola do primeiro corpo docente da ESEFPA*, escrito

por Carmen Lilia da Cunha Faro, busca utilizar entrevistas com professores para reconstruir fragmentos da história da Educação Física em escolas paraenses nas décadas de 1950 e 1960. O artigo ressalta a importância da História Oral para revelar narrativas, que, dificilmente, seriam acessadas por outros meios, valorizando, assim, as memórias docentes e os métodos da época.

A relação entre memória e experiência aparece na análise de dois artigos que tomam, em particular, a dimensão dos sentimentos, da violência e das emoções como mote central. Ao longo do texto *Das Dores, Sonhos e Ilusões de Migrantes Nordestinos na Amazônia: narrativas de adoecimento e escravização*, a pesquisadora Cristina Costa da Rocha desdobra criticamente as condições de trabalho, adoecimento e resistência de migrantes nordestinos submetidos a formas de trabalho análogo à escravidão na Amazônia. A História Oral é fundamental para problematizar esse contexto e dar voz a experiências marcadas por precariedade e esperança, além de evidenciar as estratégias cotidianas de resistência. O artigo *Produção e consumo das costuras da sulanca no nordeste brasileiro (décadas de 1950 e 1960): Fotografia e História Oral*, de Francisco Fagundes de Paiva Neto e Annahid Burnett, analisa, por meio da História Oral e de fotografias, a produção e o consumo das vestimentas populares chamadas “sulanca”, ligadas a migrantes nordestinos e à moda dos pobres. A pesquisa aponta redes comunitárias e o impacto do processo migratório na difusão dessa tipologia têxtil.

Um outro bloco de textos reunidos procura aproximar a História Oral das reflexões sobre o campo do Patrimônio Cultural, em suas múltiplas abordagens e concepções, bem como as suas relações com memórias e narrativas locais. No artigo, *Por entre estantes, fichas e catálogos: uma escuta sobre o trabalho na FBN*, Raquel França dos Santos Ferreira discute o Projeto Acervo de História Oral da Fundação Biblioteca Nacional, que registra memórias de servidores da instituição. Através de entrevistas, o artigo traça um panorama da trajetória dos trabalhadores, sublinhando-se as contribuições que deixaram para a preservação das coleções, evidenciando a relevância da História Oral para compreender as relações institucionais. De forma dialógica, ao abordar a dimensão da relação

com lugares de memória e as narrativas sobre espaços de recordação, o artigo *Recompondo as narrativas da comunidade atingida pela barragem do Zabumbão em Paramirim-BA*, de Roseli de Oliveira Ramos, mobiliza a memória coletiva da comunidade afetada pelo reassentamento forçado decorrente da construção da barragem. A partir da História Oral, o estudo explicita violações de direitos, impactos na vida material e simbólica, bem como as consequências profundas desse processo para a memória e a identidade da comunidade. Por fim, Lorena Zomer, em *Narrativas de mulheres: uma possibilidade de ampliação da história local de arapoti (2005-2024)*, analisa as narrativas de mulheres de diferentes etnias em Arapoti, ressaltando o papel delas como guardiãs da memória e como protagonistas da construção histórica local. O texto problematiza a pluralidade das narrativas e a importância das memórias femininas para ampliar a história local.

Para além dos artigos que integram o dossiê, dispomos, ainda, da alegria de apresentar outras seções que, estruturadas a partir de nossa proposta, contribuem, significativamente, para a reflexão sobre o campo, o movimento e a prática da História Oral. Na seção *Estudos de Caso*, o texto *Tempos e movimentos no Ensino de História: evocando experiências e sensibilidades de professores no museu*, de Lucinei Pereira da Silva, reflete sobre as sensibilidades dos professores de História durante caminhadas por acervos museológicos. Utilizando entrevistas caminhanças, o estudo revela como os objetos em exposição evocam experiências históricas vividas, criando espaços para novas perspectivas e movimentos no ensino da disciplina. Nesse caminho reflexivo, apresentamos também a entrevista *Pensando História Oral e Educação: uma conversa sensível com Aliny Pranto*. Ao longo de uma conversa sensível e potente com Igor Lemos Moreira e Lívia Morais Garcia Lima, a professora e pesquisadora Aliny Pranto convida-nos a uma reflexão sobre como podemos agir, ser e perceber a educação em meio ao processo de assumirmos compromissos éticos e políticos, contribuindo, dessa forma, para pensar os vínculos entre História Pública, narrativas docentes, memória e práticas e políticas educacionais.



Além dessas seções, o número também conta com duas resenhas que analisam duas importantes obras publicadas recentemente e que suscitam reflexões pertinentes e urgentes para pesquisadores/as inseridos na comunidade de praticantes de História Oral. Ao analisar a obra *O Desafio do diálogo* (Letra e Voz, 2024), Ulisses M. R. Franco sistematiza uma análise e reflexão central sobre a Associação Brasileira de História Oral a partir da celebração de seus trinta anos de fundação e das reflexões apresentadas na obra comemorativa. Já no caso da análise da obra *História Oral e Arquivos*, Nelson Barros Silva Junior busca refletir e perceber a perspectiva da colaboração e da construção coletiva como uma característica central da relação entre os dois campos aludidos no título.

Antes de finalizarmos esta apresentação, gostaríamos, ainda, de suscitar uma última provocação. Investigar e/ou abrir-se para o universo da oralidade como parte indissociável da escrita da História permite-nos aprofundar os debates sobre o lugar dos sujeitos, as suas experiências e vozes – tanto nos centros quanto nas margens das estruturas sociais. Esperamos, assim, que as contribuições, aqui articuladas, venham a permitir percebermos a História Oral em diálogo com diferentes áreas e temas, como artes, patrimônio, política, lazer, cultura, educação e vida pública, de modo a renovar as nossas práticas e ações historiadoras por meio da escuta sensível, do diálogo, da nossa construção com sujeitos outros.

## Referências

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. O que a história oral ensina à história pública. In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). *Que história pública queremos?*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 101-120.

HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HERMETO, Miriam; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

JABLONKA, Ivan. *A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais*. Brasília, DF: Editora UnB, 2020.



LACAPRA, Dominick. *Compreender outros: povos, animais, passados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Nunca foi sobre dar voz: a prática de história oral com grupos subalternizados. In: PAULILO, André Luiz; Hadler, Maria Silvia Duarte (org.). *História, injúria e difamação: estudos sobre a infâmia e a dignidade*. 1. ed. Campinas: CMU Publicações, 2024. v. 1, p. 23-52.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica*. Brasília, DF: Ed. da UnB, 2001.

SANTHIAGO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. *Tempo e Argumento*, v. 10, p. 286-309, 2018.